

## ícone

Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Pernambuco  
ISSN 1516-6082

“Não outra cidade, outro mundo” - Valparaíso: paisagem histórica viva em fotografias.

*Pio Figueiroa<sup>1</sup>.*

Gostaria de escrever, apenas, parte da história que conto abaixo. Seria tão somente um texto com as ideias sobre o processo de desenvolvimento de mais um ensaio mas que, por tristeza intensa, será o último produzido pelo grupo da Cia de Foto. Assim, procurarei me deter aos detalhes, aos movimentos e experimentações, à paisagem viva, à força das imagens que sustentam uma narrativa rarefeita, à despedida que perpassa essas fotografias. Prevalecerá no texto a motivação por tal trabalho.

Começaremos pela história desse ensaio, pelas fotografias realizadas na cidade de Valparaíso, no Chile. Essas fotografias são tecnicamente processadas como num filme, pois cada imagem se forma pela sobreposição de 24 frames, dando a cada uma delas a inscrição de um tempo narrativo, vertical, vertiginoso, para dentro de cada obra. Essa técnica foi desenvolvida e pensada como forma de criar um documento para um lugar no mundo que vive um certo ostracismo cultural em comparação ao seu ápice econômico. Valparaíso, importante porto de circulação mundial de mercadorias até o século XIX, foi desmobilizada de sua importância cultural por fatores e prioridades econômicas estrangeiras, entre elas, a construção do canal do Panamá que refez a rota internacional de navios.

Pretendíamos construir uma obra com fotografias que acumulam em si, fragmentos de filmes captados na atualidade desta cidade, onde é possível ver o tempo histórico desencontrado na estrutura de uma região que já abrigou

---

<sup>1</sup> Hyperlink: <http://ciadefoto.com/about-cia>

uma significativa circulação comercial em seu passado. O lugar de Valparaíso, é o lugar de uma imagem histórica. Essa analogia imagética nos permite falar sobre a fotografia em um viés pelo qual os limites e o uso dessa linguagem serão expostos em sua relação com outra, a do filme, mantendo-se em seu tradicional papel de documento, adornado por uma ficção poética que sugere tal desencontro de tempos na história de um lugar no sul do mundo.

Valparaíso, no Chile, desvela em nós uma atmosfera dupla, a primeira nítida, inusitada pela sua geografia de encostas, casas suspensas, escadas íngremes, longas; outra, uma segunda, aparece espessa, como o seu costumeiro *fog* matinal, e esta tem a espessura de uma narrativa rarefeita. A arquitetura desse lugar demonstra o quanto de dinheiro, pessoas e navios transitaram por ali até o final do século XIX. Transparece na cidade esta história residente numa estrutura invertida que aponta para o passado. Tudo por aqui foi muito mais do que é. Em dias atuais menos coisas circulam e o vazio é determinante na paisagem de ruas com um ritmo de longos intervalos. Se come bem, encontram-se sorrisos de uma sociabilidade amigável. E permanece o cheiro de um porto que foi importante no trânsito mundial do que se trazia e se levava pelo mar. O século XX desconsiderou essa história, e, entre vários, a construção do Canal do Panamá foi um dos fatores que conteve grande parte das funções que por aqui aportavam. Desde de 1914, os navios fazem outra rota e deixam essa cidade sombreada pelo movimento que lhe deixou faz um século.



Foto 01. © Cia de foto, 2013.

Como escreve o cineasta francês Chris Marker, em seu texto para o filme *À Valparaíso*, dirigido por Joris Ivens: *"abaixo, o porto, já foi o porto mais rico, já foi meta, já foi destino, tantas vezes cantado. Outra cidade vive sobre as colinas, uma federação de vilas. 42 colinas, 42 vilas. Não outra cidade, outro mundo. Dois mundos que se comunicam por ladeiras e escadas. [...] Com o sol, a miséria deixa de ser vista como miséria. Esta é a mentira de Valparaíso, sua mentira é o sol e sua verdade é o mar.[...] Ela persiste. Todas as nações marítimas lhe deixaram pequenas recordações. Quantas casas são recordações de barcos até o ponto que quase se transformam elas mesmos em barcos.[...] Arriba, abaixo, abaixo, arriba, arriba, abaixo. Um homem só com uma perna sobe as escadas com 121 degraus. Ele sabe, ele lhes conta. É preciso um coração forte e também uma boa memória. Um pode baixar pela rampa 10 vezes mais rápido do que se sobe. Uns baixam sorrindo, uns sobem arquejando. É gracioso, fatigável, solene, bizarro. Tanta gente em cima, poucos em baixo, e outrora já fora o contrário."*<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> À Valparaíso, Hyperlink <http://ciadefoto.com.br/blog/2013/11/sua-mentira-e-o-sol-sua-verdade-e-o-mar/>

E como fotografar uma cidade que foi tão importante para a circulação de dinheiro, cultura e mercadorias, agora, em seu atual estado de um *isto que foi*? Como apresentar e conhecer Valparaíso, demonstrá-la pela imagem que é? Numa viagem, em outubro de 2013, me vi imerso nessa pesquisa fotográfica que se baseava na relação com o tempo histórico da cidade e com o atravessamento desta linguagem ao domínio do cinema. Captei filmes para construir fotografias que inscrevem tempos, sobreposições, estratos de cenas que se constituem pelo acúmulo de quadros. Esse início, já se relacionava com uma pesquisa densa com a fotografia e suas relações, que a Cia de Foto vinha desenvolvendo ao longo dos últimos anos.



Foto 02. © Cia de foto, 2013.

Esse trabalho, penso, formula uma pergunta (mais do que qualquer sentença). Algo como: o que é possível investigar acerca da fotografia como experiência no mundo contemporâneo? Trata-se de uma pergunta que se efetiva a partir de um espaço complexo, das relações de forças que constituem esse amálgama que a fotografia se tornou.

A sobreposição de frames que se formam numa relação mínima de tempo, que

quase podemos tê-los por idênticos pois se afastam de si pela fração mínima de 1/24 segundos. Ao sobrepor esses quadros, suas pequenas diferenças, suas mínimas variações de luz e movimento, inscrevem uma superfície densa, que não se permite como apenas uma composição mais geométrica de linhas definidas e planas, mas aparecem como uma superfície espessa. E cada frame constituinte dessas fotografias se permitem unir-se em sua transparência a seus pares. Essas fotografias produzidas se pretendem não como uma simples locação com dimensões arquitetônicas exatas, mas um campo em processo, uma máquina fisiológica, a emergência de uma experiência, de um perceber universal fotográfico.



Foto 03. © Cia de foto, 2013.

As fotografias são consideradas espessas, pois de fato estão carregadas de um tempo que lhes imprime uma espécie do tremor constituinte de sua aura e dimensão. São espessas pois cada imagem contrai fisicamente seu desenvolvimento e seu futuro, e não se valem da expectativa de se inserirem como imagens no tempo, mas são sobrepostas para serem únicas e assim se fazem, nessa única imagem, repletas. Esse tremor que se ver nas fotos descreve os vestígios das imagens sobrepostas como uma descrição contraditória de um cinema de imagens paradas no qual a narrativa está na



vertical. Os quadros tentam correr lateralmente mas se mantêm retidos, suprimidos e acumulados em um segundo. Seus 24 quadros se sobrepõem.

Certa vez, escrevendo sobre a Cia de Foto, o pesquisador Ronaldo Entler considerou: “Vilém Flusser, em seu livro *Filosofia da Caixa Preta*, sugere que o fotógrafo realiza as possibilidades previamente determinadas por um aparelho cujos processos interiores jamais chega conhecer por completo. Sendo a tarefa do fotógrafo a de desvendar essas possibilidades ocultas de realização simbólica desse aparelho, ele conclui que essa operação tem menos a ver com o trabalho do que com o jogo: o aspecto instrumental do aparelho passa a ser desprezível, o que interessa é apenas seu aspecto brinquedo. Mas diz Flusser: a imaginação do fotógrafo, por maior que seja, está inscrita nessa enorme imaginação do aparelho. Não é propriamente uma imagem confortável daquilo que esperamos ser a arte fotográfica, mas podemos entendê-la como uma provocação, já que esse mesmo pensador nos dá uma pista sobre como superar esse limite: atuar sobre os outros aparelhos que determinam a programação do aparelho fotográfico.

Boa parte da fotografia contemporânea pode ser pensada como um esforço de superar tal programa, de abrir a caixa-preta descrita por Flusser, de conhecer seu interior e arrancar dela algo mais do que nela já estava inscrito. Isso significou, na prática, a exploração de um amplo universo de experimentações que atravessou com muita liberdade as fronteiras do fotográfico.<sup>3</sup>”

E Ronaldo nos cede as palavras pelas quais podemos pensar como o “modelo conceitual” que coloca tal pesquisa por esse viés de entendimento: “no contexto de crise dos limites da fotografia, suas imagens estão claramente marcadas por tal liberdade de experimentação.”

O que realizamos neste trabalho, fazendo uma analogia com o cinema, é uma edição de frames que na verdade se justapõem como numa montagem

---

<sup>3</sup> Entler, Ronaldo. *A fotografia como exercício de possibilidades*. In Cia de Foto, coleção Photo Bolsillo. Madri: ed. La Fábrica, 2011

vertical, dando às imagens espessura antes de narrativa. Cada imagem proposta se dá pela sobreposição de 24 frames extraídos de um corte de 1 segundo de um filme. E é por esse relevo que nós somos convidados a caminhar. É o que estamos chamando por uma fotografia espessa, essa que se forma na sobreposição de seus pares suprimidos. O trabalho proposto é um filme que corre em um sequência imersiva de imagens e sabe-se que cada fotografia final é prenhe do horizonte de quadros que lhes constitui.

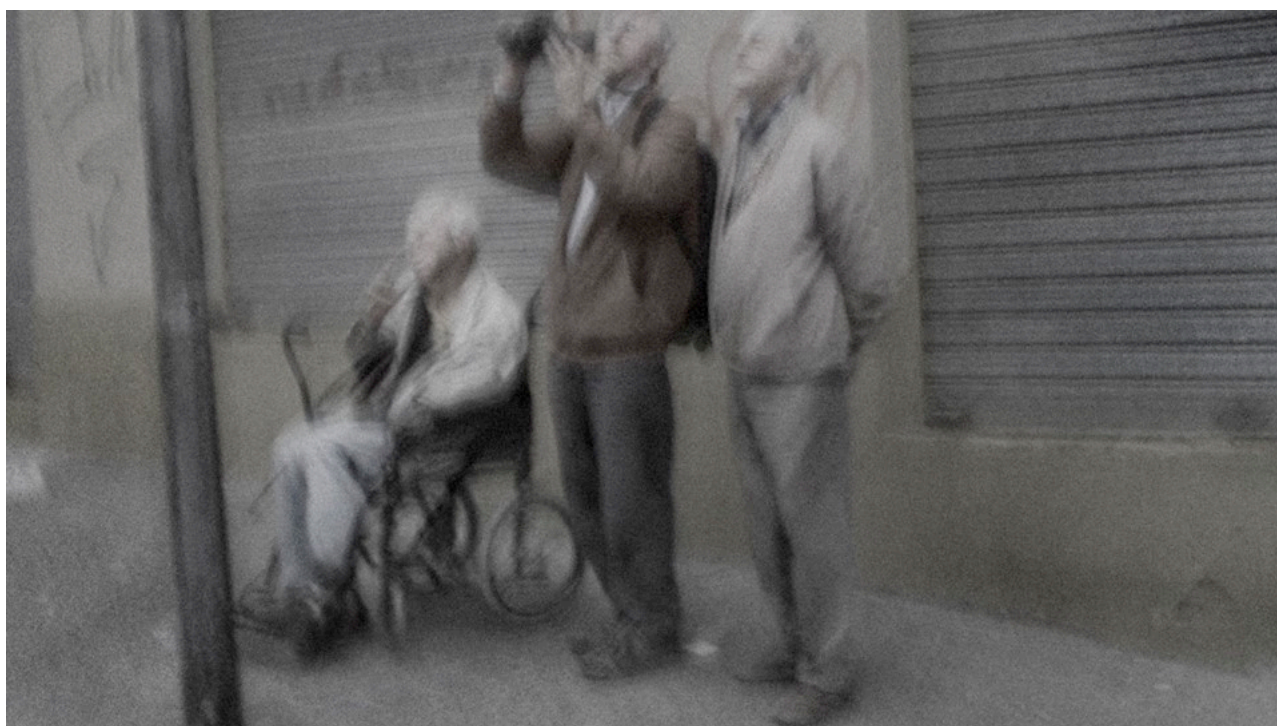


Foto 04. © Cia de foto, 2013.

A imagem que temos de nosso mundo se dá pela mediação secular da cultura moderna que se configura em igual medida numa fotografia. A natureza é a técnica, o mundo é, senão, o mundo que fotografamos, com ou sem câmeras, o mundo é esse que se forma em nossos olhares e transborda por nossos espíritos. Se pensarmos numa essência da técnica percebemos que é ela natural ao homem, como é tudo que fazemos para descobrir o que reside oculto no mundo. A técnica, como disse o filósofo alemão Heidegger<sup>4</sup>, não é meramente um meio, é um modo de desabrigar. A fotografia, se assim a

---

<sup>4</sup> Heidegger, M. *A questão da técnica*. Hyperlink: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n3/a05v5n3.pdf>

vemos, é a própria natureza que está em nossas mãos, como um espaço que se dá a medida que se produz como um pedaço do próprio sujeito. A fotografia é uma estrutura perceptiva, filosófica e está fundada numa relação, e dessa relação se desdobram infinitas possibilidades de se pensar e perceber. Uma fotografia é a encruzilhada de olhares e significados cujo tecido invisível amarra o que vê com o que é visto.

E a cidade de Valparaíso tem essa feição desgastada de uma fotografia de acervo. Ela tem um conto guardado em si, vozes remanescentes, tentando achar no mundo contemporâneo um sentido para que isso não signifique um mero passado. Esse tempo de Valparaíso se faz político quando se torna fotográfico e presente. E denuncia um modelo de uma época que dá às costas à história pela conveniência do capital. Fica o espaço do vencido, a cor pálida de um uso urbano discreto, a saudade silenciosa de ruas e lugares que vivem no solo do desencontrado. Saudade.

A relação com uma cidade que não habitamos se destaca no tempo e tem uma temporalidade específica. Toda história, os rostos, aquilo que percebemos passa por nós em um movimento que nos sustenta estrangeiros à ela. Cidade anacrônica, Valparaíso é um exemplo impregnado de uma história destituída. E segue companheira de seu povo em diálogos silenciosos confirmando que essa existência depende de outras, as que ralentam tal fluxo temporal para se sentirem patrióticos, no espaço de um presente.

No limiar das disciplinas, fotografia e filme, surge um espaço de encontro, de atravessamentos provocados pelo fotográfico.

Queria escrever apenas sobre esse ensaio que ganha forma no borrado das sobreposições. Mas entre esses tempos, pesa no texto o fato de que a maior pesquisa que trazia comigo era mesmo a Cia de Foto. Foi.



Podíamos falar somente sobre fotografia, como diz o sociólogo de José de Souza Martins: “a fotografia não documenta o cotidiano. Ela faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana. Portanto, as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade. A fotografia documenta, como atriz, a sociabilidade como dramaturgia. Ela é parte da encenação. Ela reforça a teatralidade, as ocultações, os fingimentos. Traz dignidade à falta de dignidade, ao simplismo repetitivo da vida cotidiana. As pessoas se mostram representando, mas recorrem constantemente à fotografia para mostrar-se como terceira pessoa, a verdadeira, a que não está ali na cena, mas que está na foto. A fotografia ‘conserta’ o fato de que na vida cotidiana a apresentação social desmente a representação social. Ela é o rodapé esclarecedor da compostura, do decoro.”<sup>5</sup>

A Cia de Foto acabou: frase forte! Mas é verdade. Nosso grupo anda empacotando a rotina e partirá para novos ambientes, ideias e realizações. O que aconteceu? Na verdade, o que acontece é que hoje em dia as pessoas assumem atividades mais específicas e era isso que fazia um coletivo tão múltiplo. Nos deu agora a vontade de se desvencilhar do ritmo comum. Tocar a vida em tempos distintos, pensar para fora do coletivo, para o meio das vontades que outrora compartilhávamos. O que mesmo acabou foi o dia-a-dia, vai ficar um acervo imenso, um dos maiores da produção contemporânea brasileira. Vai ficar a história de cada ensaio, a nossa Caixa de Sapato, nossa Guerra, País Interior, Marcha, Retiro, Natureza, Políticos, Prefácio, Antes, Agora, nossa, são tantos! Choro, Chuva, Sobre o Sol, 911, *Boxing*... Fica essa história intensa de 10 anos. Como sugere o poetinha, história que durou eterna. Muitas exposições, quarto livros, o Estádio., o Carnaval.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Martins, José de Souza. *O retrato do ser fragmentado*. In: Sociologia da Fotografia e da Imagem, São Paulo: Editora Contexto, 2009. (p. 43-47.)

<sup>6</sup> todos os ensaios citados no texto podem ser vistos no hyperlink:  
<http://www.ciadefoto.com/filter/ensaio>

Fica ainda os relacionamentos que fizemos, com quem aprendemos. Essas pessoas nós amamos. Fica um jeito de ser fotógrafo Cia de Foto. Esse lugar de nossas vidas. A trupe que empreendeu essa história. Foi tão prazeroso, como uma grande ficção na qual apostamos, criamos e expressamos como se fosse a nossa definitiva realidade.

Adeus, Cia. Que prazer ter vivido tão grande realização. A pesquisa que desenvolvemos em Valparaíso vem fechar esta história. A fotografia é, por definição, carente de sentidos, o que falta à fotografia é o que nos inquieta, é o que nos faz políticos, querendo reter na experiência de lê-las, histórias para contar. Existe uma questão que permeia as fotografias que fiz em Valparaíso, mas ela se mistura a uma imposição que não entendo, não terei como entender: esse é o último ensaio do grupo do qual fazia parte. Tiraram de mim como quem arranca a história de um lugar.

À Valparaíso, à Cia de Foto, coletivo, tão querido; aos anos que passamos juntos. Lembranças dessa nossa história, essa que nós mesmos inventamos.

*Este texto é dedicado a Carol Lopes, que é quem, por fim, construiu estas imagens; e a Julia Maia, que muito contribuiu no entendimento desta pesquisa.*